

APRESENTAÇÃO

Resistência e disposição: caminhos e descaminhos da filosofia desde o Sertão

Roberto Sávio Rosa¹

No instante em que redigimos estas parcas linhas, solicitamos licença para recorrer ao artifício da reminiscência visando recapturar as lembranças da navegação sinuosa, principiada no “cais seco” da Rua da República, esquina com a Lima e Silva, Cidade Baixa, na cidade de Porto Alegre.

O acontecimento inusitado facultou a contingência de embarcação na *nau dos insensatos*, destituída de leme, despojada de velas e, principalmente, desorientada com relação à perspectiva portuária de ancoradouro! Ao receber convite para participar da equipe de redação do texto apresentação da *Revista Problemata Internacional de Filosofia*, justamente aquela que homenagearia o representante incontestado de um viver peculiar, que remonta a Antístenes, precisamente, **Edmilson Alves de Azevêdo**, ficamos lisonjeados.

Entretanto, passado o estado de euforia, compreendemos tanto o horizonte quanto a importância do gesto, justamente, por acompanhar há mais de 30 anos as vicissitudes mundanas da, e muitas vezes com, a personalidade em evidência. Devido a intensidade da empresa requerida, nos coube a tarefa de narrar em escassas linhas a trajetória do anti-herói e, o que temos a dizer? Que não é esta empresa fácil, simples, mas complexa, de desfecho incerto, levada a cabo por argonautas do atavismo, que deverão sintetizar longos períodos existenciais cultivados durante longos e borrascosos anos, em breves construções sintáticas alusivas.

A dúvida que buscou solapar os envolvidos, acerca de estar ou não preparados para tal feito, intensificou-se, ainda mais, quando consideramos o horizonte de abrangência e a responsabilidade da ação, pois ao mesmo tempo em que nos sentíamos familiarizados com a potência anficológica do homenageado, não acreditávamos possuir a envergadura necessária e suficiente para timonear narrativas extremamente ricas e acidentadas.



¹ Professor de Filosofia da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC-BA). Lotado no Departamento de Filosofia e Ciências Humanas (DFCH)

Ricas, pois o itinerário existencial que intriga e fascina os que com ele entabularam diálogos ou dividiram funções, favoreceu a eventualidade de mudanças drásticas de perspectiva com relação aos afazeres filosóficos em solo adverso, precisamente, em *terra brasilis*. Acidentadas, porque o processo (*de*)formativo, que em primeira mão desalojou este *sertanejo* do seu habitat significativo e fundamental em direção ao esclarecimento, teria sido o mesmo que tentou condicioná-lo, subsequentemente, a desempenhar a função de *trabalhador de estufas e enxertias* – dedicado a receber, cultivar e replantar ideias, sistemas e concepções! Sim, não se trata, evidentemente, de singularidade nefelibata!

Em nossa contribuição rudimentar, fortificamos argumentos quanto à prevalência do percurso existencial frente ao formal, desencadeando a perspectiva fundamental da lisura e autonomia, mas principalmente, do cuidado necessário com relação às questões e teorias sugeridas. Teorias, que interligam o arcabouço filosófico literário nacional, responsável por facultar e pavimentar a ruminação e apropriação de ideias extramuros, terminando por arquitetar, plasmar e conformar a invenção de um tipo característico e universal de *filosofar desde o Brasil*.

Entretanto, sintonizados com a narrativa, arriscamos sugerir que a homenagem deferência a esse incansável e devotado *orientador marginal atento*, contemple e se aproxime da imponência de um cenotáfio. Por quê? Porque em função da quantidade de aventuras vividas e imperícia dos nautas designados para registrá-las, certamente o inventário incorrerá no equívoco do esquecimento.

Com extensa contribuição incorporada a sua trajetória *anarquista-republicana*, alicerçada em preceitos contrapostos ao *establishment*, que lhe intimidou, surrupiou e abocanhou anos de vida. Não olvidar a defesa incontestada do pensador, encarcerado nas masmorras vizinhas ao Teatro Santa Roza da capital paraibana, João Pessoa que, uma vez liberto, não buscou vingar as falcatruas reacionárias e violentas do regime militar, mas procurou, vinculado à Universidade Federal da Paraíba – UFPB, fortalecer e consolidar a associação geográfica teórico existencial, a partir de relações dialógicas com a comunidade filosófica do Brasil, preparando o advento da crítica e resistência.

Principiamos por referir e enaltecer sua proveniência acadêmica – A Graduação, realizada na Universidade Federal de Pernambuco – UFPE –, responsável por suscitar e lançar as bases do intrépido itinerário ao lado de dois grandes expoentes: Alexandre José Costa Lima e Albano Marcos Bastos Pepe (*in memoriam*). Será a partir de pontes construídas e amigáveis cultivadas envolvendo processos migratórios internos, objetivando à capacitação profissional, o que levou o Professor Albano Marcos Pepe a fazer Mestrado na Universidade Federal de Santa Maria e, conseqüentemente, Concurso Público para se tornar Professor da Instituição. Com laços fortalecidos coube ao Professor Edmilson Alves de Azevedo a incumbência de realizar estudos formais de capacitação vertical: Mestrado, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e, Doutorado, na Pontifícia Universidade Católica – PUC.

A expansão de seu vasto círculo literário proporcionou a configuração do liame com expoentes de outras localidades como Claudio Boeira Garcia, Ernildo Stein, Róbson Ramos dos Reis, Celso Reni Braidá, Luis Cesar Yanzer Portela, Edson Andrade (*in memoriam*), Luiz Carlos Bombassaro, Carla Bordignon, Ronai Pires da Rocha, Luiz Hebeche, Alfredo Santiago Culleton, Eduardo Dalbosco e tantos outros aqui olvidados, principalmente, os donos de sebos e livrarias da capital gaúcha com quem entabulou diálogos profícuos e relações sólidas.

Foi, em certo modo, a intrincada trama ocasional desta teia, que entrelaça situações geográficas e mundanas à experiências místicas e reflexivas, políticas e filosóficas, sagradas e decaídas, que nos levaram a considerar, enaltecer e perseguir sua cartografia existencial filosófica amparada em duas vertente que – temos ciência – jamais se aproximarão ou indicarão à dimensão real acerca da profundidade do abismo que afrontamos: (1) o homem e (2) o amigo.

Ecce homo

“Natureza da gente não cabe em nenhuma certeza.”
João Guimarães Rosa – Grande sertão, veredas. Nova Fronteira,
Rio de Janeiro: 1986, p. 367.

O encontro fatídico teria ocorrido há mais de trinta anos. A cidade de Porto Alegre estava o caminho natural de todo interiorano desejoso, que havia passado por bancos universitários. E foi a partir de amigos comuns que recebemos as primeiras informações acerca do professor Edmilson Alves de Azevêdo em terras gaúchas. Ao escolher a capital para a realização das pesquisas de Mestrado e Doutorado, percorreu o avesso da formação nacional, massivamente identificada à genuflexão exterior.

Recebido e albergado pelos pares – aqui destacar o apoio fundamental de Claudio Garcia, “tapense raíz”, na recepção à diferença e consciente do exercício da hospitalidade – passou a habitar, transitar e conviver com aspectos alheios à sua familiaridade, mas que alavancaram e solidificaram, ainda mais, o seu fértil imaginário recheado de recordações bucólicas da infância. Para quem percorreu 4.000 Km, cruzando o país no sentido Nordeste/Sul, foi muito fácil aventurar-se para além das cercanias da capital gaúcha.

Com o interior do estado estabeleceu relação com diversas instituições consolidadas, como a Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (UNIJUÍ), a Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC), a Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), a Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), a Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e a Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC), já referidas, que albergavam cursos e comunidades filosóficas.

Entretanto, sem delongas, como ocorreu o encontro inusitado? Muito distante dos centros acadêmicos e das atividades correlatas. E a quem responsabilizar pelo desastre? Ao acaso, que travestido de *deus ex machina* resolveu interferir e movimentar o tênue fio que interliga os títeres inconciliáveis e conduzi-los ao mesmo propósito, a saber, ao mesmo endereço residencial: mera coincidência.

O prédio em que havíamos instalado o escritório político regional, local de trabalho à época, estava residência oficial do Professor Edmilson e família. Tornamo-nos vizinhos de porta. Felizmente, o colega com quem afrontava as atribuições operacionais insensatas da politicagem regional havia formado em Filosofia e partilhava do seu círculo de amizades. Para tanto, organizou um encontro destituído de pretensões. Muito antes da ocorrência formal e em sentido

preparatório, alimentou o imaginário acerca do vizinho filósofo, narrando histórias, enaltecendo feitos teratológicos, travestindo e caracterizando a personagem esquisita.

Entretanto, teria sido um detalhe – e todos sabemos quem habita o detalhe – o responsável por catapultar o interesse pelo sujeito pitoresco. Consistia em fato banal, à primeira vista, mas extremamente importante quanto ao propósito que intencionamos: *o Professor alugava, no mesmo edifício, dois apartamentos*. Um deles, dividia com a mulher/esposa Elizabeth De Camillis, destinado aos afazeres da vida cotidiana, da convivência com os amigos do círculo, das receitas culinárias e madrugadas sonoras regadas a vinhos; o outro, pasmem, para abrigar sua *Biblioteca!* Confesso que até então jamais havia ouvido falar de tal feito, mania ou empreitada, tampouco, frequentado acervo particular de Filosofia tão profícua e abrangente. Quanta limitação!

Foi a primeira vez que entabulamos diálogo e, confesso, saí refletindo acerca do fato de nunca ter presenciado e participado de ação correlata. Pela primeira vez se fez notar através da janela entreaberta o ingresso da luminosidade na estrutura mofada da repetição teórica. Regada a cerveja, riso e comparações, a conversa migrou para a ocupação que desempenhávamos naquela ocasião (um, filósofo de formação; outro, pretendente à Licenciatura em Filosofia: dois aracnídeos entrelaçados à burocracia operacional do Congresso Nacional).

Em silêncio obsequioso, auscultou com resiliência a farsa descritiva contida nas respostas, pois tinha ciência das atividades que envolvem o *mise-en-scène* da política e, sem titubear, objetou razões acerca da inocuidade das belas intenções por nós propagadas, enquanto justificativa rasteira do vínculo estreito com o aparelho estatal. Foi, a partir de então, que me percebi considerando, ainda mais, suas colocações.

Não precisou mover céus e terra, tampouco elaborar engenhosos argumentos, para desestabilizar o projeto em curso e nos chamar à atenção acerca do equívoco em que estávamos metidos. Seu modo fácil de afrontar questões espinhosas, seu despojamento despudorado sobre a (*des*)valorização do ofício (Secretaria Parlamentar), associado à orientação, nua e crua, exigia dos interlocutores responsabilidade com o viver e compromisso com o país, demonstrando, claramente, não aprovar ou compactuar com o desperdício existencial de pretensos estudantes de Filosofia, mesmo falando alto a necessidade.

Demonstrando conhecimento acerca da formação e origem de cada um dos presentes, sugeriu um retorno ao caminho investigativo e formativo, não medindo esforços para que se materializasse. Foi o suficiente para compreender a grandeza do homem e sua relevância. Pela primeira vez em vida conversava com alguém da área de Filosofia, *de carne e osso*, que empreendia um chamado corajoso, propalando incentivo e não castração. Sim, não estava um professor de bronze, desejoso de flanelas para expandir o brilho superficial da obra, mas um representante incontestado da postura filosófica, romanticamente requerida em situações de embriaguez e delírio, como Alvares de Azevedo em *Noite na taverna*. Lembrava alguém à procura de um Homem....! Só faltou a *lanterna* em suas mãos.

O Amigo

“Amigo? Aí foi isso que eu entendi? Ah, não; amigo para mim, é diferente. Não é um ajuste de um dar serviço ao outro, e receber, e saírem por este mundo, barganhando ajudas, ainda que sendo com o fazer injustiça aos demais. Amigo, para mim, é só isto: é a pessoa com quem a gente gosta de conversar, do igual o igual, desarmado. O de que um tira prazer de estar próximo. Só isto, quase; e os todos sacrifícios. Ou – amigo – é que a gente seja, mas sem precisar de saber o por quê é que é.”

João Guimarães Rosa – Grande sertão, veredas. Nova Fronteira, Rio de Janeiro: 1986, p.155.

Todos, que de alguma forma apresentam tendência e familiaridade com a Filosofia e Literatura, participam do apreço demonstrado com relação à amizade. As comunidades filosóficas, constituídas e formalizadas, reforçam tal crença e até mesmo a invocam, quando em jogo estão, considerações acerca da matéria, do exercício e da ocupação. Entretanto, raras estão as informações *biográficas* dos mestres, indicadoras de tendências e escolhas, precisamente, modelos e caminhos a emular em caso de afeição!

Por que? Corre à boca miúda nos umbrais mofados das instituições que a separação capenga entre a iluminação teórica e as práticas cotidianas dos mestres está necessária, visto estar capaz de gerar situação conflitante e desabonadora. O fato de transitarmos em comunidades dispostas e organizadas a partir de autores ou temas de nosso interesse não está garantia para o estabelecimento de relações de amizade.

Amizades nada têm a ver com o ofício que desempenhamos, com as instituições a que estamos vinculados ou com o território que nos concedeu guarida e projetou. Amizade está cultivo cuidadoso e empenho, mas principalmente, amor, solidariedade e compromisso. Com o gesto da migração interna (Nordeste/Sul), movimento que reivindicamos desde os anos 80 nas Universidades do continente Brasil, Edmilson impôs, ao horizonte vago do acaso, a tessitura da rede, que hoje interliga espíritos de diversas matizes, comprometidos com o pensar em terras brasileiras, não somente em função de atividades acadêmicas comuns, mas em função do amálgama que precede todo e qualquer empenho, precisamente, a amizade.

Incentivando, existencialmente e academicamente, a prática do “*retirante às avessas*”, promoveu a recepção de inúmeros estudantes e pesquisadores de todo o país, tornando visível a postura crítica, amplamente cultivada em sua Universidade, quando a decisão recaiu sobre recepcionar ou não pensadores perseguidos e exilados pelo regime militar, intelectuais humilhados, que gradualmente retornavam ao convívio amoroso dos familiares e amigos.

No propósito consolidado, acolheu estudantes e professores de todos os estados do nordeste, sudeste e sul do país, entre eles José Roberto da Silva (UFAL), Ricardo Leon Lopes (UFCEG), José Atílio Pires da Silveira (UNIOESTE), André Leclerc (UnB), Jorge Adriano Lubenow (UFPB), Evaldo Becker (UFS), Edson Andrade (UNIOESTE) (*im memoriam*), Caroline Vasconcelos Ribeiro (UESB), Luis Cesar Yanzer Portela (UNIOESTE), José Fábio da Silva Albuquerque (UESB), Gilmar José De Toni (UNILA), Miguel Ângelo Lazzaretti (UNIOESTE), Cristiano Bonneau (UFPB),

Matheus Maria Beltrame (UFCEG), Luciano da Silva (UFCEG), Leandro de Araújo Sardeiro (UESPI), Sérgio Persch (UFPB), Anildo de Souza Silva (Professor do Estado da Bahia e do Município de Ilhéus, Mestre em Filosofia UFPB), Roberto Sávio Rosa (UESC), dentre muitos outros certamente olvidados, mas não menos importantes.

É possível falarmos, então, do Edmilson de muitos modos. Miguel Ângelo Lazzaretti, Professor da UNIOESTE –PR, fez Mestrado e Doutorado na UFPB e lembra com carinho as preleções do grande humanista que o acolheu, artista criador de mundos e, independente dos comprovantes oficiais e acadêmicos, faz questão de registrar seu agradecimento ao Mestre e à família.

Leandro de Araújo Sardeiro, atualmente Editor Adjunto da Revista *Problemata*, nunca teve a satisfação de estudar com ele ou de ser seu colega de trabalho na Universidade, mas o acaso fez com que se encontrassem na labuta em torno dos trabalhos editoriais da *Problemata*. Ao propor, em conversas com um amigo comum, a publicação de um número especial acerca do seu tema de pesquisa naquele momento, sobre o centenário de pesquisas a respeito dos *Manuscritos filosóficos clandestinos*, começaram a trabalhar juntos. Ao final, obteve dois resultados maravilhosos: o número proposto foi publicado e ele acabou entrando no grupo da revista como Editor. Nesses dez anos de convivência na revista, foi possível perceber que o Edmilson nutre um sentimento especial pelo trabalho filosófico. O *academicismo* puro e simples não se encaixa ali. Começou a entender o porquê de a revista que fundara chamar-se *Problemata*. É justamente essa a forma que representa a sua compreensão filosófica do conhecimento: a inquietação diante do desconhecido. Falar de Filosofia é falar, verdadeiramente, de *amor ao saber*. Sem isso, o trabalho filosófico não tem sentido. Se não pudesse ser um local de aprofundamento pessoal, através da Filosofia, a sua revista não precisaria existir. O que movia as suas decisões editoriais e recebimento de propostas e dossiês era sempre o impacto que aquilo traria para o pensamento. Doutor, pós-doutor ou estudante de graduação sempre foram vistos com uma mesma régua, pois a Filosofia transcende tudo isso. No fundo, sempre foi a determinação do pensamento que importou. E é nesse sentido que pretende “brindar” o seu amigo Edmilson neste momento. O artigo **Pressupostos cartesianos: os limites do conhecimento científico e a utilização de suposições**, que ele propõe, não é algo perfeito e acabado. Não deve ser tomado com a última palavra acerca do assunto a que se propõe discutir, porque de fato não o é. Olhando retrospectivamente, acredita que o seu sentimento naquele momento em que o escreveu representa muito do que percebe fazer parte da perspectiva filosófica do Edmilson. Para tanto, propõe este artigo antigo como homenagem a essa figura pelo fato de acreditar que ele traz um pouco do espírito filosófico vislumbrado no homenageado.

Da mesma forma pode ser considerada a contribuição do Professor Róbson Ramos dos Reis – UFSM. Em seu artigo, **Recentes desenvolvimentos da fenomenologia em contextos não filosóficos**, ele se propõe a apresentar desenvolvimentos da metodologia fenomenológica de descrição e análise da experiência vivida. Segundo o autor, acredita-se que essas duas propostas, já empregadas com resultados significativos na descrição e análise de experiências subjetivas em diferentes domínios vivenciais, possam ter importante contribuição no campo dos estudos sobre o cuidado e sobre a experiência vivida na dimensão da saúde. Tendo isso em vista, a partir de uma revisão da literatura, procedeu-se à apresentação da entrevista microfenomenológica e da entrevista fenomenológica.

Como conclusão, é possível afirmar que a microfenomenologia e a entrevista fenomenológica diferenciam-se das metodologias consagradas de pesquisa qualitativa fenomenológica, na medida em que resultam do recente movimento de naturalização da fenomenologia e da atitude de mútuo esclarecimento em relação às Ciências Cognitivas. Tal característica implica que a aplicação dessas ferramentas metodológicas na área das Ciências da Saúde contém um importante potencial de compreensão dos complexos significados da experiência vivida em primeira pessoa.

Em **A fábula de Higino e o corpo próprio em Merleau-Ponty: oscilações entre saúde funcional e saúde criativa**, o Professor Iraquitã de Oliveira Caminha – UFPB objetiva pensar o problema do cuidar a partir de reflexões que relacionam a fábula de Higino à noção de corpo próprio em Merleau-Ponty. Com base nessas reflexões, pensar a saúde num campo de oscilações entre saúde funcional e saúde criativa. Esse texto foi escrito para fazer parte do dossiê da *Revista Problemata* em homenagem ao Dr. Edmilson Alves Azevedo, professor aposentado do Departamento de Filosofia da Universidade Federal da Paraíba. Afirma que teve a oportunidade de ser seu aluno no mestrado em filosofia da referida universidade e depois colega de trabalho, quando foram juntos professores do mesmo programa. Dedicar, então, o seu texto ao professor Edmilson Alves Azevedo que, insistentemente, situava a prática do filosofar no contexto do pensar criativo para além das repetições academicistas.

Com, **Superando vícios na interação da filosofia com a ciência: Exemplo da neurociência e da filosofia da linguagem**, do Professor André Leclerc – UnB e Francisco Hélio Cavalcante Félix – Mestre em Filosofia pela Universidade Federal do Ceará, médico anesthesiologista registrado no Conselho Regional de Medicina do Estado do Ceará. Doutorando em Filosofia pela Universidade de Brasília (UnB). A contribuição reforça o cuidado necessário frente às questões envolvendo ciência e linguagem.

Para ambos, a ciência é uma forma importante de conhecimento e tem tido marcante influência no pensamento filosófico. A reflexão acerca do caráter inescapável do conhecimento científico e da melhor maneira de se utilizar de seus achados, evitando possíveis vícios, adquire grande relevância.

A partir dos avanços da neurociência relativos ao processamento da linguagem, têm sido abertas várias possibilidades de reflexão sobre os conseqüências filosóficas dos achados científicos nessa área. Contudo, essa interação deve ser cuidadosa, evitando-se deturpações e riscos por vezes presentes em tais relações interdisciplinares. Um dos pontos mais relevantes da neurolinguística - o ramo da neurociência aplicada à linguagem - é aquele que trata das características e das diferenças na maneira como se dá o processamento da linguagem entre crianças na primeira infância e entre jovens ou adultos. Essas peculiaridades neurolinguísticas podem ser cotejadas com alguns constructos teóricos da filosofia da linguagem.

Tal confronto representa a oportunidade para um sinergismo virtuoso, contanto que se evite a utilização da ciência como um pretensório tribunal de validação. Depreende-se que algumas correntes mais elaboradas ligadas à teoria do significado, de tradição mentalista e não-mentalista, podem ser relacionadas e, em certos aspectos, harmonizadas diante de evidências científicas.

E será com **Rousseau e Thoreau: a saga dos pensadores caminantes** que o Professor Evaldo Becker – UFS e Douglas Campos, Mestre em Filosofia pela Universidade Federal de Sergipe – UFS, apresentarão sua homenagem.

Seu objetivo é examinar o papel das caminhadas (até hoje reverenciadas por Edmilson) em meio à natureza, enquanto ponto de contato e aproximação entre as obras de Jean-Jacques Rousseau e Henry David Thoreau. Indiretamente, realizam a aproximação de ambos os autores em relação à tradição dos antigos filósofos cínicos, em especial com Diógenes, o cão.

As caminhadas em meio à natureza servem como instrumento de crítica dos ambientes urbanos corrompidos e também como forma de reflexão e autoconhecimento filosófico. Os dois autores em tela foram fundamentais para consolidar as caminhadas enquanto práticas filosóficas de contato dos homens com a natureza. A prática das caminhadas encontra-se descrita de forma abundante ao longo das obras de Rousseau e Thoreau. Nesse sentido, as caminhadas de natureza configuram-se enquanto elemento fundamental da filosofia da natureza de ambos os autores.

Muito além de consistente comparece a contribuição do Professor Sérgio Persch – UFPB, **Perspectivas do “mostrar”: a propósito de um ensaio sobre Wittgenstein**. Seus estudos facultam, com base num artigo publicado por E. A. de Azevêdo, o papel do mostrar, para além do dizer, conferido à linguagem no *Tractatus logico-philosophicus*. Isso nos permite reconsiderar os possíveis vínculos entre Wittgenstein e Spinoza. As diferentes maneiras de mostrar correspondem aos diferentes modos de percepção ou gêneros de conhecimento que Spinoza expôs reiteradamente em suas obras diversas e que também estão subentendidas no exame da Escritura feito no *Tractatus theologico-politicus*. Assim, dispõe-se de elementos conceituais para aprofundar a relação aparentemente apenas anedótica entre o *Tractatus logico-philosophicus* de Wittgenstein e o *Tractatus theologico-politicus* de Spinoza.

Já Matheus Maria Beltrame, Professor Associado UACS/CFP/UFCCG, Doutor em Filosofia pela UFPB sob orientação do Prof. Dr. Edmilson Alves de Azevêdo, no artigo **Sobre a concepção de capital financeiro e democracia**, propõe investigar a concepção de capital financeiro, a partir da teoria de Karl Marx e de teorias influenciadas pelo seu pensamento, e sua relação com a democracia. Trata-se de uma aproximação à noção de capital financeiro, uma noção paradoxal na economia política, de uma investigação da sua relação e influência no contexto da democracia, da política e do Estado.

Neste sentido, ressalta aspectos da crítica ao capitalismo em Marx, analisando a concepção de capital fictício e de capital portador de juros, além do desdobramento dessa teoria em Hilferding e a contribuição deste autor ao teorizar a concepção de capital financeiro e sua hegemonia no início do século XX. Aborda, inclusive, um segundo momento de hegemonia do capital financeiro a partir de 1970, com o neoliberalismo e sua política de liberalização e desregulamentação, que tem como consequência a captura do Estado via dívida pública, a financeirização das escolhas de investimento, uma série de medidas contra os trabalhadores em nível mundial. No Brasil, esse programa vai promover um movimento de desindustrialização, reprimarização da economia e austeridade fiscal, que tem acentuado a exploração forçada dos trabalhadores brasileiros e uma condição de existência cada vez mais precarizada, que interfere nos modos de subjetivação.

Homem de profunda experiência existencial, o Professor Giuseppe Tosi – UFPB aceitou colaborar com a empreitada. Em seu artigo **O que é isso, a filosofia?**, confessa que a homenagem ao prof. Edmilson oferece uma oportunidade para

refletir sobre a própria filosofia, sobre o papel da filosofia na história e na atualidade e sua relação com as outras ciências, e com a arte e a religião, sobre a relação entre filosofia e técnica, sobre o caráter emancipatório da reflexão filosóficas contra todo obscurantismo e sobre o ensino da filosofia na academia. Segundo Tosi, o professor Edmilson, nos longos anos de dedicação ao estudo e ao ensino, praticou a filosofia com liberdade de pensamento, sem fugir do debate polêmico, e se dedicando às questões e aos pensadores mais relevantes da tradição filosófica. Não sabe se Edmilson vai concordar com esta interpretação do que é a filosofia, que é uma das tantas possíveis, e para dizer a verdade, bastante tradicional.

Em artigo intitulado **O corpo à luz de Kant: sugestões para pensar abordagens, correlações e desdobramentos**, a Professora Ana Monique Moura, do departamento de Filosofia do Campus Caicó da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), com Doutorado em Filosofia pela UFPB/HGB, Alemanha, intenciona mostrar importantes reflexões sobre o corpo, capturadas a partir de quatro importantes obras de Kant: *Observações Sobre o Sentimento do Belo e do Sublime* (1764), *Resposta à Pergunta “O que é esclarecimento”* (1783), *Crítica da Razão Prática* (1788) e *Crítica da Faculdade do Juízo* (1790). De acordo com a pesquisadora, na primeira obra, Kant o faz segundo a perspectiva da atenção ao binômio sexual; no segundo texto, ele propõe o conceito de “belo sexo” ao referir-se às mulheres; na terceira obra, ele pensa o corpo na sua afecção moral e, na última obra, ele invoca a posição do corpo na experiência contemplativa da natureza ou da arte e também segundo sua teleologia. Aqui, segundo ela, importa discutir sobre como o tema do corpo, a partir dessas variadas perspectivas, se comprometem, ou não, com o tema da razão e da criticidade enquanto prática humana e social em possíveis desdobramentos.

Objetivando tratar do problema da busca humana pelo autoconhecimento, o Professor José Atilio Pires da Silveira (UNIOESTE-PR), apresenta seu artigo: **Homem: um enigma a ser decifrado**. A partir da abordagem proposta por Arthur Onken Lovejoy associada à perspectiva dada pela *história das ideias*, chega a aludir a forma de um paradoxo.

Por fim, não poderia deixar de referir a homenagem dos professores e estudantes da Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC/BA. Situada na região cacaeira – sul baiano – e inserida na Mata Atlântica, a Instituição recebeu e continua recebendo inúmeras contribuições do Professor Edmilson Alves de Azevêdo, ora em eventos formais de larga participação (Semana de Filosofia), ora em eventos regulares de orientação e contribuição à linhas de pesquisa (a participação efetiva nos encontros semanais do grupo de estudos sobre Wilson Lins, durante o ano de 2021, se revelou profícua).

Enquanto agradecimento, a Professora Vanessa Duron Lattanzi (UESC) recordou a contribuição e participação no concurso em Ilhéus. O Professor Edmilson Azevêdo fazia parte da banca de apreciação e, com ela, entabulou diálogo acerca do percurso escolhido em sua aula pública. Anos depois a professora confessaria sua admiração pelo “sinhorzinho”, que parcimoniosamente lhe dirigira a palavra. Afeto e admiração recíprocos consolidaram o respeito e a amizade entre ambos.

E os discentes? Com **Aspectos da natureza humana: comentários sobre o ser humano e sua condição**, Emily Argolo S. Leal, Raike Barone Costa Santos, Waldete P. Milla, além dos docentes Rogério Tolfo e Roberto Sávio Rosa, objetivam

analisar os aspectos da natureza humana e a sua condição, a partir dos argumentos filosóficos de Baruch Spinoza, Erich Fromm e Karl R. Popper, de modo a seguir a ordem cronológica destes pensadores, partindo da filosofia moderna à contemporânea.

Enquanto contribuição final da Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC/BA, texto do professor Roberto Sávio Rosa com discentes do Curso de Filosofia, Marília Gabriela Emídio dos Santos e Sara Vanesca Carmo Aragão, intitulado **Hospitalidade e profanação: Wilson Lins e os resquícios submersos da urbanidade civilizatória**. Em formato de inventário antropológico filosófico concentra forças na chamada discussão acerca da transplantação de ideias filosófico literárias ao Brasil, precisamente da influência das escolas e escolhas, bem como as decorrências que incidiram sobre o processo formativo da intelectualidade cultural autóctone.

Por fim, agradecemos a todos os envolvidos na confecção do número especial apologético, que facultou e impulsionou o sonho de navegar orientado por um *modo-de-estar* preocupado e empenhado em amalgamar teorias filosóficas a atitudes, revelando um cuidado extremo com outro aspecto distinto da Filosofia, a saber: a formação para o viver e não para a arte/ofício de tanger rebanhos em púlpitos a pagamento!

Ilhéus, 17 de julho de 2023.



Roberto Sávio Rosa